

BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE INCONSCIENTE COLETIVO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG

Paulo Bonfatti*
Cátia Cristina de Carvalho Nogueira**
Manuela Emiliano Blanco***
Marina Ribeiro da Costa****

RESUMO

Esse artigo é resultante das pesquisas e discussões do Grupo de Estudos Junguianos, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), que ocorre quinzenalmente com a participação de acadêmicos e egressos do CES/JF e de outras instituições e profissionais de Psicologia. O objetivo desse trabalho será, brevemente, refletir sobre uma das mais importantes contribuições da Psicologia Analítica, conhecida também como Psicologia Junguiana, criada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, que é o constructo teórico de Inconsciente Coletivo tentando compreendê-lo dentro da sua proposta estrutural e dinâmica da Psique. Como metodologia será utilizada uma revisão bibliográfica e, como resultado, espera-se contribuir para uma maior compreensão acerca da Psicologia Analítica.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Psicologia Junguiana. Jung. Inconsciente Coletivo.

1 INTRODUÇÃO

Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica, também conhecida como Psicologia Junguiana, viveu toda a sua vida na Suíça. Nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswil, aldeia pertencente ao cantão da Turgóvia, vindo a falecer no dia 6 de junho de 1961 em Küsnatch no cantão de Zurique (BAIR, 2006).

* Doutor em Psicologia Clínica, Psicólogo, Professor e coordenador do grupo de estudos Junguianos do CESJF.

** Mestra em Psicologia, graduanda de Psicologia e membro do Grupo de Estudos Junguianos do CESJF.

*** Graduanda de Psicologia e membro do Grupo de Estudos Junguianos do CESJF.

**** Graduando de Psicologia e membro do Grupo de Estudos Junguianos do CESJF.

Em 1900, Jung, concluiu seu curso de Medicina e, logo em seguida, iniciou seus estudos de psiquiatria no Hospital Burghölzli, trabalhando junto a Eugen Bleuler (BAIR, 2006).

Logo de início, Jung se dedicou às experiências com os processos associativos mentais. Através de suas investigações neste hospital psiquiátrico, Jung pôde realizar diversas pesquisas e experiências com intuito de esclarecer a respeito da dinâmica psíquica dos doentes mentais através do Teste de Associação de Palavras (SILVEIRA, 1994). Esse teste buscava identificar conteúdos no inconsciente de seus testandos partindo das respostas derivadas de uma lista de palavras estímulo observando laboratorialmente suas respostas fisiológicas. Esses conteúdos foram nominados por Jung de Complexos Afetivos (PERRONE, 2008).

Nessa época, Jung já havia entrado em contato com a obra de Freud. Todavia, de antemão, já apresentava uma “*reservatio mentalis*” em relação à teoria Psicanalítica (McGUIRE; HULL, 1982) especialmente naquilo que se referia a centralidade da sexualidade. Considerando que ambos tinham forte interesse na investigação da psique, assim, começaram a se corresponder até poderem se conhecer pessoalmente em 1907 em um encontro que durou cerca de treze horas ininterruptas. A partir desse encontro tiveram um curto e intenso período de mútua colaboração.

Entretanto, a grandiosidade e as diferenças teóricas de ambos não suportaram que um fizesse sombra em outro e, inevitavelmente, se separaram em 1913. Longe de ser uma perda, a Psicologia acabou ganhando com a iluminação de áreas, olhares e caminhos tão distintos da psique (BAIR, 2006).

Um desses olhares e caminhos percorridos por Jung foi, justamente, a ideia do Inconsciente Coletivo, objeto de investigação desse artigo.

2 DUAS CONCEPÇÕES DISTINTAS DO INCONSCIENTE

As visões teóricas acerca do inconsciente entre Jung e Freud são bem diferenciadas e, conseqüentemente, suas práticas clínicas. Jung discordava da perspectiva de Freud de um inconsciente exclusivamente formado pelos conteúdos reprimidos ou esquecidos, sempre, relacionados de alguma forma à sexualidade numa perspectiva traumática (JUNG, 2000).

A partir da ruptura definitiva entre ambos, Jung caminhou para outra direção compreensiva acerca do inconsciente corroborando para uma “[...] notável contribuição ao conhecimento psicológico [...]” (FREEMAN, [199-], p.12) ao apontar para uma distinta forma de percepção no que diz respeito ao aparelho psíquico e, conseqüentemente, o inconsciente. Para ele essa instância psíquica não seria, como postulava Freud, “[...] uma espécie de ‘quarto de despejos’ dos desejos reprimidos, mas como um mundo que é parte tão vital e real da vida de um quanto o é o mundo consciente e ‘meditador’ do ego.” (FREEMAN, [199-], p.12). Ou seja, Jung aponta para uma visão de um inconsciente mais amplo e mais rico ampliando, inclusive, numa dimensão não exclusivamente pessoal.

Ao explorar e cartografar a psique numa perspectiva diversa dos conceitos Freudianos, Jung se depara com elementos até então não defrontados ou trabalhados por outros pesquisadores da alma humana. Assim, nessa empreitada, em 1930, Jung tinha criado a maioria das concepções básicas de sua teoria, mas não havia detalhado, ainda, alguns importantes pontos que seriam apresentados anos mais tarde ao longo de sua vida clínica e acadêmica (STEIN, 2006). Diante dos distintos conceitos criados por Jung, um dos mais significativos seria o de Inconsciente Coletivo, objeto de estudo desse artigo.

Interessantemente, Freud, apesar das claras discordâncias com Jung e ao final de sua vida, em seu texto Moisés e o monoteísmo (FREUD, 1975) também trabalhou com a perspectiva de elementos que atuam em nossa psique que não teriam correlação com experiências vividas diretamente pelo sujeito. Inclusive, apresentou o termo “herança arcaica” (FREUD, 1975, p.119-122) para se referir a esses conteúdos herdados psiquicamente (AZEVEDO; FERES-CARNEIRO; BRANDÃO; LINS, 2016). Tal conceito apresentado por Freud pode ser entendido como ressonâncias e analogias imediatas à ideia de Inconsciente Coletivo proposta por Jung décadas anteriores.

3 TRÊS EXPERIÊNCIAS EMBLEMÁTICAS

A concepção do conceito do Inconsciente Coletivo está, inevitavelmente, associada a uma outra ideia dentro da teoria de Jung, a de arquétipo (BONFATTI,2007) (JUNG, 2000).

Para Jung, os arquétipos

[...] são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma. Jung compara o arquétipo ao sistema axial dos cristais que determina a estrutura cristalina na solução saturada sem possuir, contudo, existência própria [...]. O arquétipo funciona como um nódulo de concentração de energia psíquica. Quando esta energia, em estado potencial, atualiza-se, toma forma, então teremos a Imagem Arquetípica. Não podemos denominar esta imagem de arquétipo, pois o arquétipo é unicamente uma virtualidade. (SILVEIRA, 1994, p.77)

Analogamente a sua concepção de arquétipo, também o conceito de Inconsciente Coletivo de Jung foi tomando forma aos poucos em sua obra, vida acadêmica e clínica. Nesse percurso, houve três eventos que reforçaram e nortearam sobremaneira a construção desse conceito.

Um dos casos clínicos mais significativos e sempre apontado por Jung se refere aos delírios e alucinações de um paciente com os rituais de uma extinta religião (JUNG, 1986; 1984; 1998; 2000) (BAIR, 2006).

Jung descreve que, ainda em 1906, no Hospital psiquiátrico de Burghölzli “[...] teve contato com um paciente esquizofrênico que estabelecia uma curiosa relação entre os movimentos de sua cabeça e o pênis do sol, que, por sua vez, originava o vento” (BONFATTI, 2007, p.65).

Anos depois dessa descrição do paciente Jung se deparou com um livro do filólogo clássico alemão Albrecht Dieterich (DIETERICH, 1910) intitulado **Eine Mithrasliturgie** (Uma liturgia de Mitra). Ao ler essa obra, Jung percebeu que as “[...] alucinações e delírios [daquele esquizofrênico] tinham contudentes paralelos com a liturgia mitraica. Uma liturgia à qual, certamente, este paciente – internado há anos e de cultura limitada [...] – jamais teria acesso.” (BONFATTI, 2007, p. 65). Afinal, o mitraísmo era uma religião de origem indo-persa do século II A.C. que foi extinta por volta do século III (DIETERICH, 1910).

Jung já estava gestando, silenciosa e ocultamente de Freud, a ideia de Inconsciente Coletivo e um evento psíquico pessoal sinalizou essa elaboração. Em **Memórias, sonhos e reflexões** (JUNG, 1986), Jung, relata diversos sonhos que teve e, segundo ele:

[...] um deles me pareceu importante, levando pela primeira vez à noção do “Inconsciente Coletivo”: por esta razão, constitui uma espécie de prelúdio a meu livro *Metamorfoses e Símbolos da Libido* [que em sua obra é o volume V com o título **Símbolos da Transformação** (JUNG, 1986)]. Eis o sonho: eu estava numa casa desconhecida, de dois andares. Era a “minha” casa. Estava no segundo andar onde havia uma espécie de sala de estar, com belos móveis de estilo rococó. As paredes

eram ornadas de quadros valiosos. Surpreso de que essa casa fosse minha, pensava: “Nada mau!” De repente, lembrei-me de que ainda não sabia qual era o aspecto do andar inferior. Desci a escada e cheguei ao andar térreo. Ali, tudo era mais antigo. Essa parte da casa datava do século XV ou XVI. A instalação era medieval e o ladrilho vermelho. Tudo estava mergulhado na penumbra. Eu passeava pelos quartos, dizendo: “Quero explorar a casa inteira!” Cheguei diante de uma porta pesada e a abri. Deparei com uma escada de pedra que conduzia à adega. Descendo-a, cheguei a uma sala muito antiga, cujo teto era em abóbada. Examinando as paredes descobri que entre as pedras comuns de que eram feitas, havia camadas de tijolos e pedaços de tijolo na argamassa. Reconheci que essas paredes datavam da época romana. Meu interesse chegara ao máximo. Examinei também o piso recoberto de lajes. Numa delas, descobri uma argola. Puxei-a. A laje deslocou-se e sob ela vi outra escada de degraus estreitos de pedra, que desci, chegando enfim a uma gruta baixa e rochosa. Na poeira espessa que recobria o solo havia ossadas, restos de vasos, e vestígios de uma civilização primitiva. Descobri dois crânios humanos, provavelmente muito velhos, já meio desintegrados. – Depois acordei. [...]a casa representava uma espécie de imagem da psique, isto é, da [...] [sua] situação consciente de então, com complementos ainda inconscientes. (JUNG,1996, p.143-144)

Jung falou com Freud sobre esse sonho (JUNG, 1996) que, por sua vez, lhe retornou com uma análise destituída de sentido para ele. Na análise pessoal de Jung, a consciência era a sala, e no “[...] andar térreo já começava o inconsciente [...]” (JUNG,1996, p.144) “[...] que se aprofundava *pari passu* em que descia até chegar aos aposentos mais subterrâneos da casa. Em cada nível descido entranhava-se cada vez mais em instâncias profundas da psique [...]” (BONFATTI, 2007, p. 66). Nas palavras do pesquisador, seria “[...] o mundo do homem primitivo em mim [...]” (JUNG,1996, p.144). Segue ainda Jung, “[...] por causa desse sonho pensei, pela primeira vez, na existência de um *a priori* coletivo [,diferente,] da psique pessoal.” (JUNG,1996, p.145).

Inevitavelmente, um terceiro evento demarcou a sua orientação em relação à ideia de Inconsciente Coletivo. Seguindo sua experiência clínica, suas imagens do inconsciente e suas pesquisas, Jung acaba escrevendo o livro **Símbolos da Transformação** (JUNG, 1986) cujo nome inicial era **Metamorfoses e símbolos da libido** - publicação que resultou na ruptura definitiva e inevitável que já se avizinhava com Freud devido ao aprofundamento de suas discordâncias teóricas (PINTO, 2007).

Nesse livro, além de compreender a libido de uma forma distinta a de Freud (PINTO, 2007), Jung faz uma série de paralelos mitológicos para compreender as fantasias de uma paciente conhecida como Srta Miller dando assim, os primeiros e firmes passos para a concepção do Inconsciente Coletivo (JUNG, 1986),

4 UM CONCEITO PARADOXAL

Segundo Jung (2000) nenhum dos outros conceitos desenvolvidos por ele, foi alvo de tanta incompreensão quando o de Inconsciente Coletivo.

Para ele,

[...] a hipótese de um Inconsciente Coletivo pertence àquele tipo de conceito que a princípio o público estranha, mas logo dele se apropria, passando a usá-lo como uma representação corrente, tal como aconteceu com o conceito de inconsciente em geral. (JUNG, 2000, p. 15).

Por se articular sempre num processo construtivo e criativo, Jung pode ser considerado um pensador mais problematizador que sistematizador. Por vezes apresenta suas propostas teóricas sem ter uma preocupação em amarrá-las deixando para seus seguidores tal tarefa. Mais atento à fenomenologia da psique do que a aspectos conceituais, em diversos momentos de seus escritos apresenta distintas possibilidades acerca do Inconsciente Coletivo (BONFATTI, 2007).

Nesse sentido, Jung nomeia o Inconsciente Coletivo diferenciadamente de suprapessoal (JUNG, 1978), primordial (JUNG, 2003b), psique coletiva (JUNG, 1978), substrato comum da psique (JUNG, 2003b), substrato anímico coletivo (JUNG, 2000) ou pleroma (JUNG, 1999a).

De outras formas também múltiplas, Jung concebe o Inconsciente Coletivo num amplo leque epistemológico, isto é: como hipótese (JUNG, 1984), conceito (JUNG, 2003a), ideia (JUNG, 2000), tese (JUNG, 2000), suposição (JUNG, 2000), um nome para algo observável (JUNG, 2003a), como algo que deve existir (JUNG, 2000) ou que existe indubitavelmente (JUNG, 1983), mas que se apresenta de maneira difícil de se provar no cotidiano das pessoas.

Ao tentar compreender o que seria inconsciente em si para Jung encontra-se um paradoxo, quando ele diz que o inconsciente é incognoscível, justamente por ser inconsciente (JUNG, 2002).

Como já apontado como corolário da noção de arquétipo, a concepção de Inconsciente Coletivo poderia ser observada na manifestação de motivos

universais que se manifestam em mitos, delírios e sonhos. (BONFATTI; NOGUEIRA; TELLES; SOUSA, 2018)

Pelo que se pode depreender, Jung propõe ao Inconsciente Coletivo uma circunscrição praticamente ilimitada. Afinal, se o inconsciente, de uma maneira geral, é vida (JUNG, 2000), o Inconsciente Coletivo, certamente, também está associado a essa perspectiva.

De forma não menos ampla, também foi circunscrito a uma sabedoria (JUNG, 1999a) inteligência e propósito (JUNG, 2000). É portador de uma criatividade (JUNG, 1999a), de uma espécie de consciência (JUNG, 2000) e de uma pré-existência que afeta nossa liberdade (JUNG, 1984). Originário no passado e apontando para o futuro (JUNG, 2000), é criador de uma compensação curativa à consciência (JUNG, 2002). Autônomo (JUNG, 2000) e independente, é onipresente e universal (JUNG, 1999b), com ramificações somáticas e psíquicas (JUNG, 1984). É o somatório dos arquétipos e dos instintos (JUNG, 1984), suprapessoal (JUNG, 1978), e com ele somos o objeto, e não o sujeito (JUNG, 2000). Conceitualmente, mostra que somos todos iguais perante ele (JUNG, 1998), que é imutável e apresenta conteúdos numinosos¹ (JUNG, 1999b). Desconhecido (JUNG, 2003a), é um *nomen* (nome) de aspectos demonstráveis (JUNG, 1999a).

Sem dúvida alguma, a concepção de Inconsciente Coletivo é deveras interessante e fascinante e - de forma análoga à ideia de arquétipo - é uma possível chave de leitura para diversos fenômenos históricos, culturais, antropológicos e clínicos.

¹ Segundo Jung, a experiência psíquica do numinoso é a experiência de “[...] uma existência ou em efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário da vontade. Pelo contrário, ele arrebatava e controla o sujeito humano, que é sempre antes sua vítima que seu criador. O numinoso - indiferentemente quanto a que causa possa ter - é uma experiência do sujeito independentemente de sua vontade [...]. O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência.” (JUNG, 1983, p.6). A experiência psicológica imediata de um arquétipo tem, inevitavelmente, uma dimensão numinosa.

5 A CONCEPÇÃO JUNGUIANA DO INCONSCIENTE COLETIVO

Como todos os pesquisadores das teorias psicodinâmicas, Jung reconhece uma dimensão psíquica inconsciente derivada das experiências individuais (SILVEIRA, 1994).

De acordo com Jung (1984), no aparelho psíquico encontramos também uma camada mais superficial, que chamamos de Inconsciente Pessoal diferenciando daquilo que Jung chamou de Inconsciente Coletivo. Nise da Silveira descreve que é nessa camada pessoal que estão incluídas as percepções e as impressões subliminares e, também, um grupo de representações carregadas de fortes potenciais afetivos, incompatíveis com a atitude consciente. Jung chama esses conteúdos de Complexos Afetivos ou, simplesmente, Complexos afirmando que são oriundos das nossas experiências pessoais afetivamente significativas (SILVEIRA, 1994).

Jung (2017) também aponta para a constituição do inconsciente pessoal dizendo que quando algum conteúdo psíquico escapa da nossa consciência, esse conteúdo não deixa simplesmente de existir, sendo assim, podemos mais tarde, reencontrar esses pensamentos temporariamente perdidos. Portanto, novamente, parte da esfera do inconsciente que consiste em pensamentos, imagens e impressões que podem estar provisoriamente ocultas, esquecidas ou reprimidas. Mas apesar disso, continuam a influenciar nossas mentes conscientes.

Todavia, para Jung, há outra parte de nosso inconsciente, isto é, o Inconsciente Coletivo que pode ser compreendido por uma parte da psique que se diferencia do inconsciente pessoal. Já os conteúdos do Inconsciente Coletivo não foram adquiridos de forma individual e, dessa maneira, nunca estiveram na consciência e devem sua existência apenas à hereditariedade psíquica (JUNG, [199-]). Sua relação de grandeza psíquica pode ser alegoricamente entendida como um vasto e profundo oceano, em que emerge uma pequena ilha de consciência (SILVEIRA, 1994).

Assim, Jung vai além ao propor a concepção do Inconsciente Coletivo. Essa perspectiva junguiana acerca da psique é que ela não seria uma *tabula rasa* (LOCKE, 1999), ou seja, temos uma herança psicológica somada à nossa herança biológica.

Segundo ele, metaforicamente,

Assim como nosso corpo é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com sua longa evolução histórica, devemos esperar encontrar também na mente uma organização análoga. Nossa mente não poderia jamais ser um produto sem história [...]. (JUNG, [199-], p.67)

Assim, de acordo com sua concepção junguiana do Inconsciente Coletivo a psique já possuiria uma estrutura psíquica pré-existente. Nessa estrutura, pode-se considerar que encontramos a camada anímica mais profunda que se diferenciara da natureza superficial e individual. Sendo psicologicamente universal, trata-se de um conteúdo psíquico idêntico em todos os seres humanos, constituindo assim como um substrato psíquico comum que existe naturalmente em cada indivíduo (JUNG, 2000).

Nasser (2010) descreve o Inconsciente Coletivo, como um reservatório de predisposição à formação de imagens latentes, primordiais, que estão relacionadas ao nível mais arcaico da psique. Assim, quanto mais profunda for à vivência do indivíduo, maior será o conhecimento, dos conteúdos, acerca do Inconsciente Coletivo através do surgimento de imagens arquetípicas, que são manifestações dos arquétipos. Segundo Jung, “[...] os arquétipos indicam a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar.” (JUNG, 2000, p. 53).

Hall e Nordby descrevem o Inconsciente Coletivo como um reservatório de imagens primordiais – outro nome dado aos arquétipos. Essa palavra primordial tem como significado “original” ou “primeiro”, assim, essas imagens primordiais dizem respeito ao “desenvolvimento mais primitivo da psique” (HALL; NORDBY, 1993, p. 32). Entretanto, como veremos adiante, esse nome (imagem primordial) dá margem a certa confusão conceitual deixando a possibilidade de se compreender que arquétipos seriam imagens ou ideias herdadas – o que seria incorreto. Todavia, conceitualmente, os arquétipos seriam a possibilidade herdada de representações psíquicas semelhantes (BONFATTI; NOGUEIRA; TELLES; SOUSA, 2018).

A compreensão de como ocorreria essa herança não é muito clara para Jung. Nesse sentido, sua perspectiva é fenomenológica ao observar a manifestação de conteúdos psíquicos comuns em épocas e lugares distintos.

Empiricamente, Jung descartou tratar de uma transmissão genética, cultural, histórica ou geográfica (JUNG, 2000).

Jung (2017) descreve como ousada a hipótese do Inconsciente Coletivo e relata também nem sempre é uma tarefa fácil identificá-lo. Sendo assim, se tal perspectiva inconsciente existe, a explicação psicológica deve considerá-lo e, submetê-lo a certas etiologias supostamente pessoais junto a uma crítica mais acurada.

Assim, pode-se concluir a respeito da dinâmica psíquica coletiva de cada indivíduo que carregamos em nós experiências psíquicas que são comuns, que são compartilhadas através das experiências da humanidade (JUNG, 2017).

Essas experiências são compartilhadas como ilustram Hall e Nordby (1993) da forma que os conteúdos do Inconsciente Coletivo propiciam um padrão pré-formado de comportamento pessoal que o indivíduo vai seguir desde o dia de seu nascimento.

Apontam exemplarmente os autores:

Quando existe no Inconsciente Coletivo uma imagem virtual da mãe, tal imagem expressar-se-á logo que a criança perceber e reagir à mãe verdadeira. De modo que os conteúdos do Inconsciente Coletivo são responsáveis pela seletividade da percepção e da ação. Percebemos facilmente algumas coisas e a elas reagimos de certas maneiras porque o Inconsciente Coletivo esta predisposto a elas (HALL; NORDBY, 1993, p. 33).

Como já apontado, os conteúdos do Inconsciente Coletivo são os arquétipos (JUNG, 2000). Assim, se faz necessário compreender melhor como Jung concebia os arquétipos.

A etimologia da palavra arquétipo remete a algo que foi impresso há tempos (JACOBI, 1990). Essa perspectiva aponta que as experiências significativas e repetidas da humanidade ficaram gravadas psiquicamente no Inconsciente Coletivo. Todavia, ao contrário que o senso comum aponta, arquétipos não seriam imagens ou ideias herdadas, mas sim a possibilidade herdada do surgimento de representações psíquicas semelhantes. Assim, o arquétipo é a forma, já o conteúdo ou suas manifestações são as imagens arquetípicas (JUNG, 2017).

De acordo com Jung (2017), essas imagens arquetípicas podem ser observadas nas mitologias, nas artes, nas filosofias, nos símbolos religiosos, nos

delírios, nas alucinações de psicóticos, e nas produções oníricas (SILVEIRA, 1994).

Nesse sentido, Jung foi extremamente fecundo para demonstrar fenomenologicamente tais manifestações não só ao longo da história da humanidade como também no mundo contemporâneo (JUNG, [199-]).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar as manifestações e produções psíquicas de seus pacientes, Jung deparou-se com aspectos psíquicos que não poderiam ser explicados por uma etiologia pessoal (SHARP, 1991).

Ademais, em suas pesquisas percebeu também que esses conteúdos intrapsíquicos tinham significativa correlação com aspectos encontrados em expressões coletivas mitológicas, artísticas, filosóficas, religiosas que eram alheias às experiências dos indivíduos que os vivenciavam. Inicialmente, Jung supôs tratar de transmissão genética e, posteriormente, cultural, histórica ou geográfica – todas essas possibilidades foram posterior e empiricamente refutadas pelo próprio autor (STEIN, 2006).

Diante de evidências empírica e fenomenologicamente observáveis, Jung postulou o conceito de Inconsciente Coletivo que seria um substrato psíquico comum da humanidade - uma camada coletiva que se diferenciaria do inconsciente pessoal que estaria ligado às experiências do indivíduo (SILVEIRA, 1994).

Essa perspectiva psíquica coletiva aponta que a dinâmica psicológica de cada indivíduo não estaria ligada apenas às suas experiências pessoais. Mais que isso, cada sujeito carrega em si um lastro psíquico comum a partir das experiências de toda a humanidade (JUNG, 2018).

Em um aprofundar nos elementos constituintes do Inconsciente Coletivo, Jung aponta que esses elementos seriam os arquétipos, ou seja, padrões apriorísticos de possibilidades de representações psíquicas semelhantes (JUNG, 1991) (BONFATTI; NOGUEIRA; TELLES; SOUSA, 2018).

Ao se deparar com as pesquisas de Jung, observa-se que ele é pródigo em apresentar grande casuística em distintas áreas e, também, provas empíricas

de fenômenos psicológicos cuja chave de compreensão conduz, inexoravelmente, ao seu conceito de Inconsciente Coletivo (JUNG, 2000).

Além de observar esse aspecto psíquico comum à humanidade, que auxilia na prática da clínica psicológica por exercer uma importante influência formativa sobre a psique (HENDERSON, 2008), o postulado de Inconsciente Coletivo também contribui para a compreensão dialogal interdisciplinar extramuros da Psicologia Clínica: Estudos Comparados das Religiões, Mitologia, Arte, Publicidade, Folclore, Comunicação de Massa e Política (BONFATTI, 2000a; 2000b; 2007) (JUNG, 1983; 1999a; 2000).

Compreender o conceito de Inconsciente Coletivo fez Jung ser conhecido por uma nova maneira de compreender o homem dentro da abordagem psicodinâmica Junguiana.

Através dos seus estudos e de sua maneira de enxergar os homens podemos mergulhar em um mundo complexo, extraordinário e amplo de conceitos.

Entendemos que este não é um tema que se esgote, pois estamos longe de compreender o inconsciente e os arquétipos. Mas, segundo Jung suas manifestações podem ser percebidas em todas as formas de expressões humanas. Assim, este artigo pretende ensinar ao público interessado o desejo por mais leituras acerca da abordagem psicodinâmica Junguiana.

BRIEF CONSIDERATIONS ABOUT THE CONCEPT OF COLLECTIVE UNCONSCIOUS IN ANALYTICAL PSYCHOLOGY OF CARL GUSTAV JUNG

ABSTRACT

This paper is the result of research and discussions by the Jungian Study Group of the Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - Brazil (CES/JF), which takes place every fortnight with the participation of academics and graduates from CES/JF and other institutions and professionals from Psychology. The purpose of this paper will briefly reflect on one of the most important contributions of Analytical Psychology, also known as Jungian Psychology, created by the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung, which is the Collective Unconscious theoretical construct. Trying to understand it within its structural and dynamic proposal of Psyche. As methodology will be used a literature review and, as a result, is expected to contribute to a greater understanding about Analytical Psychology.

Key-words: Analytical Psychology. Jungian Psychology. Jung Collective unconscious.

REFERÊNCIAS

BAIR, D. **Jung**: uma biografia, volume I. São Paulo: Globo, 2006.

BONFATTI, P. **A expressão popular do sagrado**: uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000a.

BONFATTI, P. A questão do mal: uma abordagem psicológica junguiana. **Rhema**, Juiz de Fora, ITASA, v. 6, n. 22, 2000b.

BONFATTI, P. Considerações e desdobramentos acerca da psicologia da religião. **Diálogo**, São Paulo, Paulinas, ano VII, n. 25, fev. 2002.

BONFATTI, P. **Uma psicologia sine tempore**: uma análise das concepções de Arquétipo, Inconsciente Coletivo e Si-mesmo na teoria de Carl Gustav Jung. 2007. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - PUC/Rio, Rio de Janeiro, 2007.

BONFATTI, P., NOGUEIRA, C. C. C.; TELLES, K. M. T.; SOUSA, M. A. C. Acerca do conceito de arquétipo na psicologia analítica: breves considerações. **Analecta**, v. 4, n. 4, nov./2018. 533-548. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/ANL/article/view/1793/1138> acesso em 17 out. 2019

DIETERICH, A. **Eine Mithrasliturgie**. Alemanha: Teubner, 1910. Disponível em: <https://archive.org/details/einemithraslitur00dietuoft>. Acesso em 19 nov. 2019.

FREEMAN, J. Introdução. *In*: JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [199-]. p.9-15.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo. *In*: FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-164 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XXIII).

HALL, C. S.; NORDBY, V. J. **Introdução à psicologia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1993.

HENDERSON, J. Os mitos antigos e o homem moderno. *In*: JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.104 – 157.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1990.

JARAMILLO, L. C. A.; FERES-CARNEIRO, T.; BRANDAO, E. P.; LINS, S. L. B. O conceito de transmissão psíquica na obra de Freud: a perspectiva de René Kaës. **Pensando fam.** [online]. 2016, vol.20, n.2, pp. 162-176.

JUNG, C. G. **Cartas I**. Petrópolis: Vozes, [1906-1945] 1999a.

JUNG, C. G. **Cartas II**. Petrópolis: Vozes, [1946-1955] 2002.

JUNG, C. G. **Cartas III**. Petrópolis: Vozes, [1956-1961] 2003a.

JUNG, C. G. **Estudos alquímicos**. Petrópolis: Vozes, 2003b. (Obras completas de C. G. Jung, v. XIII)

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões** (reunidas e editadas por Aniela Jaffé). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1984. (Obras completas de C. G. Jung, v. VIII)

JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Petrópolis: Vozes, 2018. (Obras completas de C. G. Jung, v. XVI/2)

JUNG, C. G. **Estudos sobre psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 1978. (Obras completas de C. G. Jung, v. VII)

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. (Obras completas de C. G. Jung, v. IX/1)

JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 1999b. (Obras completas de C. G. Jung, v. III)

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 1986. (Obras completas de C. G. Jung, v. V)

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1991. (Obras completas de C. G. Jung, v. VI)

JUNG, C. G.. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1983. (Obras completas de C. G. Jung v. XI)

JUNG, C. G.. **Vida simbólica I**. Petrópolis: Vozes, 1998. (Obras completas de C. G. Jung v. XVIII/1)

JUNG, C.G. Chegando ao inconsciente *In*: JUNG (org) **O Homem e seus símbolos**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, [199-].

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao Inconsciente. *In*: JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [199-] .p. 18- 103.

JUNG, Carl Gustav. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 2013. (Obras completas de C. G. Jung, v. III)

JUNG, C.G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 1999a. (Obras completas de C. G. Jung, v. XV)

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Nova cultural: São Paulo, 1999.

McGUIRE, W.; HULL, R. F. C. C. G. **Jung**: entrevistas e encontros. São Paulo: Cultrix, 1982.

NASSER, Y. B. N. A identidade corpo-psique na psicologia analítica. **Estud. pesqui. psicol.** Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 325-338, agosto, 2010.

PERRONE, M.P.M.S.B. **Complexo**: conceito fundante na construção da psicologia de Carl Gustav Jung.2008. 155f. Tese (Doutorado em Psicologia) – USP, São Paulo, 2008.

PINTO, K. M. Crônica de um fim anunciado: o debate entre Freud e Jung sobre a teoria da libido. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 75-88, Junho 2007 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982007000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 nov. 2019.

SHARP, D. **Léxico Junguiano**. São Paulo: Cultrix, 1991.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

STEIN, M. **Jung**: O Mapa da Alma. São Paulo: Cultrix, 2006.